

A Transfiguração da Igreja na Teologia de Rubem Alves¹

Zwinglio Mota Dias²

“O protestantismo suprimiu o valor dos sonhos, correndo o risco de se transformar em aliado de seus inimigos declarados. Seu rígido dogmatismo muitas vezes limita os sonhadores que se atrevem a propor novas formas de convivência humana no seio da Igreja, a fim de que esta se manifeste como verdadeira *nova comunidade*, símbolo do Reino de Deus no mundo. Sonhos assim se aproximam perigosamente da política, porque esse afã ultrapassa as paredes eclesásticas e lança-se ao mundo para criar alvoroço entre aqueles que aceitam passivamente a repressão de seus anseios, seus desejos de justiça, de beleza e de pão.”
(Rubem Alves)³

Agradecido pela honra do convite para abrir as exposições deste histórico seminário, não posso fazê-lo sem expor, primeiramente, meu envolvimento existencial com a vida e a obra deste profeta de nosso tempo, que também foi guerreiro e poeta...

De todos aqui presentes, talvez, eu tenha sido um dos primeiros a ser encantado pela beleza, a liberdade, a leveza e a criatividade poética com que Rubem Alves tratou o fazer teológico... A explicação para isto é muito simples: faço parte da primeira geração de pastores e teólogos profundamente influenciada, tanto pelas ideias deste teólogo maior da América Latina, como por sua atitude iconoclasta em relação à epistemologia positivista que domina a modernidade e, por consequência, o protestantismo fundamentalista [da ‘reta doutrina’, para usar sua expressão] no qual fomos formados. Mais ainda do que isto: minha relação com o Rubem foi e continua sendo [na memória] também de ordem pessoal. Adolescente, aos 17 anos, portando um nome estranho e carregado de história e preconceitos, fui salvo do fundamentalismo que me asfixiava, quando fui seu aluno no Ensino Médio e eclesiano a partir de 1958, no Instituto Gammon e na Igreja Presbiteriana de Lavras, MG. Ele, então, um jovem pastor de 25 anos, iniciando seu ministério. Sua influência foi tal que me decidi pela carreira teológica e passei a ser seu companheiro nas lutas políticas e político-eclesásticas em que nos vimos envolvidos, a partir de 1962, na Igreja Presbiteriana do Brasil, no movimento ecumênico e na sociedade brasileira.

Não tenho como negar, sem negar a mim mesmo, que Rubem foi o meu ‘outro relevante’ decisivo, aquele que me abriu as avenidas do pensamento, o caminho da vida... ao me ajudar a perceber, ainda no frescor da juventude, que a teologia, ao contrário do que se pensa

¹ Conferência principal proferida no dia 27 de agosto de 2019 durante o evento “Repensando o Sagrado: Rubem Alves e a Teologia da Libertação” realizado no Instituto de Ciências Humanas da UFJF.

² Doutor em Teologia pela Universidade de Hamburg, Alemanha. Professor aposentado da UFJF; atualmente professor convidado do DCR/ICH da UFJF. Pastor-emérito da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil. Contato: zwli@powerline.com.br.

³ Alves, R. “An invitation to dream”, *The Ecumenical Review*, vol. 39 n° 1, jan. 1987 p. 59-62

e do que as instituições religiosas pretendem, é uma conversa permanente para a reinvenção da vida...

Militamos juntos na Igreja Presbiteriana Unida, no movimento ecumênico (no ISER, no CEDI, no CMI) e acabamos andando por caminhos diferentes, levados pelas circunstâncias com que a vida nos deparou. Rubem sempre fez teologia, como que um vício, palavras dele, que ele nunca abandonou, embora em alguns momentos tenha achado que sim. O que me interessa frisar aqui é que minha biografia é devedora da obra de vida de Rubem Alves, e que é a partir desta perspectiva que desejo refletir sobre um aspecto fundamental de sua teologia - a sua concepção de Igreja - sempre entendida e revelada por ele como um evento comunitário que acontece no meio da história quando homens e mulheres procuram conviver segundo os ditames do amor, da justiça e da liberdade . Portanto, em linguagem teológica, sua eclesiologia, objetivo maior de sua proposta de tese doutoral e tema recorrente em sua reflexão ao longo dos anos.

Ao refletir sobre a comunidade que se constitui a partir das visões de um amanhã humanizado, Rubem recria, sobre as falas do Evangelho, o sonho de outra sociedade possível, baseada no amor e na justiça. E ele vai, sem maiores cuidados chamar essa comunidade de Igreja, porque é esta igreja que ele encontra nos textos sagrados do cristianismo e nas manifestações similares em outras tradições. Esta visão da comunidade humana, plenamente humanizada, que nunca é, nunca está pronta, mas sempre em processo de tornar-se se transforma, assim, no fio condutor do seu pensamento.

Como é sabido, Rubem Alves abandonou a linguagem conceitual da teologia, que se quer acadêmica e científica, ao descobrir sua impossibilidade, por um lado, e sua desonesta arrogância, por outro, que culminou em sua transformação num discurso ideológico, pronto e acabado, aprisionado aos mais diferentes interesses institucionais. É a partir desta constatação, da impossibilidade de se construir um discurso positivo sobre o Sagrado, e da descoberta de que este, no seu mistério e impenetrabilidade, é a luz que ilumina a fala sobre a experiência humana, que nasce a linguagem capaz de construir mundos de significados a partir da imaginação e do desejo. É quando, então, Rubem Alves se envereda pelos caminhos da *sapientia*, ou da teo-poética, como querem alguns autores, um conhecimento que tem por objetivo interpretar as manifestações gratuitas e imponderáveis do ato de viver, aqui e agora. E o seu discurso sobre as maravilhas da vida cotidiana, em seus menores e mais simples aspectos e, também, em seus abismos profundos e, por vezes, apavorantes, começa a encantar seus leitores e leitoras, ávidos por seus ensaios, *insights* instigantes e crônicas gotejantes de poesia onde o Indizível e o Inefável, às vezes, aparecem dizendo sua própria fala ou recitando seu próprio texto, para os que sabem ouvir o silêncio e ler nos entremeios das palavras deste incansável “contador de estórias”...

***As notae ecclesiae* da igreja segundo Rubem Alves**

I- A Igreja como Pastora das Esperanças...

*“Porque já ninguém será amedrontado pela morte
que mora nas armas e pela dívida que vive no
dinheiro, porque tudo será dádiva sacramental de
Deus, a todos os seus filhos.*

*Ressurreição do corpo.
Estes são sonhos.
Irreais.
Mas por eles o corpo é capaz de viver e morrer.*

*Ah! Procuramos o lugar onde estas palavras
mágicas são pronunciadas, palavras que
transfiguram o corpo, que dão sentido à vida e
provocam sorrisos em meio à noite...
Procuramos a comunidade que fala a linguagem
maravilhosa das ausências, que é capaz de
acariciar nossos desejos.
Me disseram que ela se chama Igreja e que ela se
alimenta de um pão em que o trigo se mistura com
a tristeza da nostalgia e a beleza do arco-íris.*

*Me disseram mais: que, depois da refeição, todas as
faces ficam luminosas e os corpos vivem como se
seus sonhos tivessem se transformado em
realidade.*

*Procuro esta comunidade.[...]
Será possível encontrar?
Será que ela existe?
A feiticeira que invoca os desejos, e nos dá
do pão do futuro, para sonharmos os nossos
próprios sonhos,
a intérprete de sonhos, que os canta em poemas,
para ressuscitar os mortos?
Vocês a viram?
Onde estará?
A pastora das esperanças..."⁴*

A partir do momento em que o Cristianismo passou a ser articulado como uma versão ideológico-religiosa legitimadora da narrativa predominante na sociedade a Igreja passou a se constituir numa das mais importantes instituições sociais por ser justamente aquela que se encarregaria de elaborar o discurso ideológico que explicitaria, em termos do universo simbólico religioso, a visão de mundo própria dos donos do poder.. O Acontecimento fundamental passou, então, a ser interpretado pela instituição segundo os variáveis interesses de suas funções sociais. Interesses estes impostos pelas exigências de funcionalidade do aparelho do Estado ao qual foi atraída e outros, surgidos em consequência da própria dinâmica que ela, como instituição, pôs em andamento. Isto começou de modo claro e determinante na era constantiniana e caracterizou, daí por diante, a história da Igreja Cristã. O conjunto de fenômenos sócio-políticos, econômicos e culturais que a partir de então, e em forma crescente, darão origem a uma diversificação de instituições eclesiais (Cisma de Constantinopla, Cisma de Avinhão, Reforma, Movimentos reavivalistas dos séculos XVIII, XIX e XX, para apenas mencionar os mais conhecidos) ocorrerão em grande medida determinados pelos problemas oriundos desta forma de mediação. Com isto queremos apenas sublinhar que a Igreja enquanto instituição social tende a funcionar como todas as instituições que surgem da convivência humana. Mas, de que se trata quando falamos de instituição? Segundo Rubem Alves: "Uma instituição é um mecanismo social especializado que programa o comportamento humano, seja o pensamento, seja a ação. [Ela]... é a memória socializada da sociedade, memória

⁴ Alves, Rubem, *Poesia, Profecia, Magia – Meditações*, Rio de Janeiro, CEDI, 1983. Pgs. 27-28.

prática que preserva as soluções sem, entretanto, ter consciência de suas origens. (Elas)... são, assim, respostas a problemas concretamente vividos e se justificam na medida em que preservam sua eficácia prática”.⁵

Ou seja, a instituição programa, segundo a natureza de seus fins, os comportamentos, as atitudes, as crenças e as ações dos indivíduos. Mas pelo fato de viver do passado toda instituição, inclusive a Igreja, tende a ser estática; ela não inova. A repetição de respostas que uma vez se mostraram eficazes e a imposição destas respostas como normas axiológicas constitui seu princípio fundamental. É por isso que a instituição é incapaz de propiciar atitudes criativas, pois seu horizonte ficou no passado.

Por estas características as instituições tendem sempre a impedir as manifestações vitais da comunidade humana onde atuam, na medida em que a vida é regida pelas leis da mudança, da transformação, da criação e da “recriação”. Ou seja, a vida é movimento, busca incessante do novo, do inédito, mas a instituição tende ao imobilismo. Assim, no momento em que novas situações e novos problemas começam a surgir e para os quais as instituições não possuem uma resposta satisfatória, surge a crise entre estas e aqueles aos quais deveria oferecer novas soluções. A partir desse momento a instituição perde sua autoridade frente a eles e, por conseguinte, o monopólio das respostas

No caso da Igreja, o surgimento de grupos com um discurso diferente do oficial (institucional) sempre se deu quando a instituição eclesial deixou de perceber as transformações da realidade e continuou insistindo num tipo de “mensagem” que perdera a pertinência por continuar referindo-se a uma realidade já superada. Este fato está muito bem exemplificado nas contendas dos primeiros cristãos e, desde então, marcará o caminho da Igreja na história. A Reforma é um exemplo característico do empenho na busca de maior correspondência entre a mensagem original e a realidade de uma determinada conjuntura histórica. O movimento profético do Antigo Testamento é como que uma manifestação paradigmática deste mesmo fato.

Em todas estas situações se observa a presença de um denominador comum: a referência ao acontecimento fundamental e o esforço para que o discurso original da fé guarde sua pertinência em relação às novas experiências históricas que a instituição não percebe ou não pode perceber. A vida da Igreja é, por isso, a história das tensões, ocultas ou abertas, entre o *discurso eclesial* (institucional, oficial, ortodoxo) e as tentativas de novos discursos, oriundos de *grupos eclesiais* (não-institucionais, não-oficiais) para alcançar uma nova interpretação ou uma nova mediação revitalizadora do acontecimento primordial que deu origem à instituição.

Foi exatamente esta situação de conflito experimentada pelas igrejas protestantes brasileiras a partir da década de 1950 que marcou o contexto vivenciado por Alves e por ele tão clara e dolorosamente descrito na apresentação da versão em português de sua tese doutoral, “Sobre deuses e caquis”. A realidade de sofrimento e dor, provocada pela brutal perseguição de que foi vítima, movida por sua própria igreja, não lhe permitia escolher outro tema para o seu doutorado que ocupar-se da discussão acerca da natureza da vivência eclesial.

Assim ele se dispôs a criar uma teologia da Igreja, ou uma Eclesiologia que fosse fiel ao acontecimento fundante, à proposta de Jesus de Nazaré, e às condições próprias da realidade brasileira e latino-americana. Eclesiologia diz ele, é *“um exercício em utopia, as marcas de uma comunidade que não existe em lugar algum (é invisível) e que, por isso mesmo, está em todos os lugares (é católica, universal), um horizonte do desejo, algo que ainda não nasceu mas que, se nascesse, o mundo todo sorriria. Ou, expressando-se de outra forma, mais pessoal e explicitamente: “Igreja é apenas o nome da comunidade com que sonho. O problema é que*

⁵ Alves, R., Instituição e Comunidade, in Cadernos do ISER, Rio de Janeiro: ISER, 1975. Pg. 9.

tanto católicos quanto protestantes pensam que eles já a encontraram. E eu acho diferente: a Igreja é uma Ausência permanente, nome de um Desejo, horizonte que convida e se afasta... Ou seja, Rubem Alves introduz uma crítica severa à Igreja enquanto instituição social e privilegia a dimensão comunitária que nasce da amizade construída por homens e mulheres a partir das propostas de vida de Jesus de Nazaré. Se a instituição vive do passado a comunidade que nasce do Espírito do Cristo tem sua vida fincada no futuro. Por isso elas dificilmente coincidem no desenrolar da história e sobrevivem nessa dialética entre presente/passado e o futuro.

Relendo muitos de seus textos, dei-me conta de que a comunidade eclesial, em sua perspectiva, é uma Ausência sonhada e buscada em cada volta da história, acontecendo ou deixando de acontecer segundo as tramas imaginadas pelos homens e mulheres tocados pelo Vento que vem do futuro para iluminar e transformar o presente.

Por isso achei que seria um bom exercício de rememoração reunir alguns daqueles seus textos que reafirmam esta natureza mágica, surpreendente e transformadora da vida, da Igreja permanentemente reinventada, e do mundo que a rodeia. Para isso identifiquei três dimensões do viver eclesial/comunitário que Rubem poeticamente nos oferece:

I – *Sobre o papel da comunidade que se chama Igreja*

“E veio a mim a palavra do Senhor que me disse: – Filho do homem, corpo de carne e osso, capaz de amar e de sonhar: que é que vês?”

E eu respondi: – Vejo espalhados por todas as partes da terra, os corpos das vítimas, ventres abertos, sacrificados. E de todos os lugares sobe um grande gemido, profundo demais para qualquer palavra. Choram as aves, choram as montanhas...chora a criação inteira...

– Filho do homem, viverão de novo estes mortos?”

E eu respondi: –Tu o sabes.

E ele me disse: Profetiza. Invoca o sonho das vítimas. Era só isso que possuem... Canta também os teus sonhos. Relembra nostalgias. Conta os desejos dos que já morreram. Imagina desejos para os que vão nascer. Poetiza sobre o corpo dos sacrificados. Come as suas entranhas. Distribuí-as como sacramento. Chama pelos seus nomes os desejos. Os demônios fugirão, e a vida voltará...”

E eu imaginei, talvez, que esta fosse a outra missão da comunidade que se chama Igreja e que come a carne dos sacrificados. Que ela deveria ser exorcista dos demônios, para que a vida voltasse...E que, para isto, teria que aprender a dizer os sonhos que não foram ditos...E pensei que todos poderíamos fazer poesias sobre uma grande fogueira de armas e de fardas; abertas as portas das prisões para que nenhum inocente fosse privado do riso das crianças; e que ninguém tivesse em excesso para comer, enquanto há rostos fundos e magros, sem esperança; que os ricos não oprimissem os pobres e que os pobres não mais tivessem medo; que todos sevestissem de mansidão, porque os mansos herdarão a terra; e que não existe vitória alguma que valha a destruição deste mundo, belo e amigo;...E poderíamos, sem fim, ir contando histórias dos nossos desejos...E diz o profeta que, enquanto falava, ouviu-se o som de um vento, e um ruído, e a vida voltou aos mortos ...” (Poesia, Profecia, Magia – Meditações, CEDI, 1983, pg.47-48)

II – *Igreja, comunidade que antecipa o futuro*

–“Fomos acariciados pelo Futuro... e tudo mudou.

Porque da mesma forma como a mulher que se descobre grávida passa a viver para encarnar, por antecipação, o filho que vai nascer, a Igreja é a comunidade em que o futuro assume forma, primeiros frutos, aperitivos, carícia do futuro do Reino...

E esse futuro?

Salvação! Nossos corpos totalmente livres!

Livres de tudo o que faz sofrer.

Livres das correntes, do medo. Os olhos não mais perfurarão, e nenhum irmão terá de esconder do seu irmão nem a nudez da sua alma, nem a nudez do seu corpo. Livres para a verdade, livres para a beleza, livres para o amor. Insólita política, porque nossos corpos não mais reagirão nem ao olho mau, nem ao gesto mau, nem à palavra má. Possuídos pelo futuro trataremos de fazer viver, no presente, aquilo que nos foi dado em esperança. E esta comunidade de visionários, de exilados, de peregrinos, de árvores desenraizadas, servirá ao mundo, na sua própria vida, em sacramentos do Reino de Deus que se aproxima.” (“Creio na ressurreição do corpo” – Meditações, S. Paulo: CEDI/Paulinas, 1984. Pgs. 74-75)

–“ Dirão que isto não dá certo.

Não dá certo virar criança.

Não dá certo assentarmo-nos com os pobres e fracos.

Não dá certo fazer fogueira de fardas e armas.

Não dá certo amar o inimigo e oferecer a outra face.

Não dá certo deixar tudo por amor ao Reino...

Estas opções são de muito amor e pouca força.

Por serem de muito amor são belas e românticas.

Por serem de pouca força são como filhos que nascem mortos, abortos.

O que dá certo é aquilo que tem muita força e pouco amor: a opressão, a riqueza, a violência, o progresso, a corrida das armas, a indústria da morte...

Esta é a razão, porque tudo isto parece loucura àqueles que põem suas esperanças na lógica da política.

É que a política, para ser política, tem de poder dar certo. E só se permite no seu jogo o ato que pode dar certo.

Não há lugar no seu mundo, para o gesto gratuito e inútil, amor puro, que se realiza na própria execução, gesto que é um fim em si mesmo, e nunca um simples meio...

Gandhi deu o nome de SATIAGRAHA à sua compreensão deste jeito de ser. Esta palavra vem em uma língua que nos é estranha, gujrâti e é composta de duas outras. SAT que significa verdade, e ÁGRAHA, que quer dizer firmeza. Firmeza na verdade.

A questão não é se vai dar certo ou não. A questão é se o ato é uma expressão transparente e radical de uma visão e de um amor...

Ainda que não dê certo.

Abraão sabia que o sacrifício de seu único filho não daria certo. A despeito disso ele levantou a faca...

Jeremias sabia que a cidade estava sitiada, condenada à desolação. A despeito disso comprou um pedaço de terra para dizer sua esperança:” Ainda se plantarão vinhas neste lugar.”

Jesus sabia que seu amor pelos fracos e pelos pobres não daria certo. A despeito disso deu-se por eles até à morte.

Não isto não é política.

*A lógica da política é marcada sempre por um **por causa de**.*

*A lógica da fé se fala sempre **a despeito de**.*

Possuídos pelo futuro.

Dançar no presente, uma esperança.

Seus passos?

Desde a canção terna para com a criança, até o gesto último do sacrifício...”

(Poesia, Profecia, Magia – Meditações, CEDI, Rio de Janeiro, pgs. 78-80)

III- Igreja, comunidade que se reinventa alimentada pelo Espírito que vem do futuro

“Por favor, responda-me: a vida é reação a quê?

Pequena semente no ventre da mulher grávida. Aos poucos vai crescendo, assumindo contornos...

Onde o seu segredo?

Será que a criancinha vai crescendo por oposição à morte? Ou não será ela um simples florescer de um segredo, anterior e mais forte que tudo?...Expressão pura de um gesto gratuito de amor.

O futuro colocou seu sêmen no presente.

“A criação inteira geme e está em dores de parto E também nós, que comemos o fruto mágico do Espírito e nos engravidamos com a esperança, gememos em nosso íntimo...”

A água brota, modesta em lugares escondidos. Vai crescendo irresistível.

Do futuro vem um Vento,

Do futuro vem um rio...

Não, não lutamos pelos pobres, porque esta luta é um meio necessário para se criar a sociedade justa. Lutamos pelos pobres, porque é bom lutar pelos pobres. Deus ama os pobres, são nossos irmãos e por eles lutaremos ainda que esta luta não leve a nada e seja apenas bela e impotente como uma canção.

Não, não lutaremos contra as armas, porque é necessário destruí-las primeiro para gozarmos a paz depois. É porque já experimentamos o aperitivo de um Reino, onde não há nem lanças nem espadas, e derretê-las para transformá-las em arados e podadeiras, é algo tão natural como respirar ou sorrir. Algo gratuito que continuará a ser feito, ainda que totalmente inútil.

Não, não lutaremos para preservar a mãe natureza porque isto é meio necessário para garantirmos o mundo dos nossos filhos. Ainda que nos saibamos de antemão derrotados, continuaremos a abrigar os pássaros e os peixes, a defender as árvores e os campos, porque eles são carne da nossa carne. É bom senti-los como nossos amigos.

Não, não lutaremos contra a mentira porque uma nova sociedade exige que a verdade seja dita. É que o mundo que experimentamos é um de clareza e transparência, e ainda que saibamos que a verdade poderá significar nossa morte, não temos alternativas. Continuaremos a dizer a verdade inútil e impotente como testemunha. Por que é bom fazê-lo e o nosso coração se alegra com isto.

*Foi-se a sombra que cobria nosso rosto. Estamos livres da pesada carga de agir a **fim de que** o futuro aconteça.*

“Buscai primeiramente o Reino de Deus...”

A ação ficou mais pura e mais radical. Libertou-se da obsessão com a eficácia.

Agora existe lugar para o gesto inútil, bondade pura...E se descobriu a alegria. Porque na dança mágica, o corpo abraça o objeto de seu amor.

É a isto que os teólogos de outros tempos deram o nome de justificação pela graça.

A vida inteira se torna liturgia, magia: o corpo possuído pela abundância de um outro mundo. E o rio flui, alheio à pedra que lhe é atirada, ao detrito que lhe é despejado, no dique que se constrói no seu caminho...simplesmente faz correr as águas da vida que ele não pode reter.

A política se transfigura em magia,

a justificação pelas obras dá lugar à justificação pela graça,

a vida arranca do passado as suas raízes, e respira o vento do futuro.

“Ai! Até onde subiremos com a nossa nostalgia?

De todas as montanhas olhamos, buscando terras paternas e maternas.

Mas casa não encontramos em lugar algum.

Somos fugitivos em todas as cidades e um adeus em todas as portas.

Por isso agora só podemos amar a terra dos nossos filhos, no mar distante.

Na árvore chamada Futuro construiremos o nosso ninho. E em nossa solidão as águas nos trarão alimentos em seus bicos.

*Queremos viver com os ventos fortes,
Companheiros das águias,
Da neve,
Do sol...
E, como um vento, soprar...”
Ah! Estes são os poemas que recitam aqueles que já provaram o fruto mágico. É
a sua marca.
É inútil pedir às pedras que os repitam.
Inútil pedir às tartarugas que os cantem.
Canta quem já comeu do fruto...
Canta aquele cujo corpo está possuído pelo Vento do Futuro.
A estes eu chamarei pelo nome de Igreja.”
(Poesia, Profecia, Magia - Meditações, CEDI, Rio de Janeiro, 1983. pgs. 76 -78)*

Como herdeiro de um Calvinismo retrabalhado por Karl Barth, Paul Lehmann e Richard Shaull, Rubem Alves assumiu com determinação a formulação do Espírito do Protestantismo presente na frase *“ecclesia reformata et semper reformanda est”* e, ao mesmo tempo o Princípio Protestante cunhado por Paul Tillich que nos fala do “protesto divino e humano contra qualquer pretensão de absoluto por parte de qualquer realidade relativa, mesmo que esta reivindicação venha de uma igreja protestante”. Com isso, liberado das amarras dogmáticas ele pôde pensar e sonhar com uma comunidade livre, aberta ao futuro e crítica do passado e do presente, com ou sem as marcas socioculturais de nossa tradição cristã.

Rubem Alves vive!!!